

A família das flores e frutas

Reprodução/livro *História de Brasília*

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 63 anos de idade, Yoshiaki Onoyama ainda não concluiu tudo o que almeja deixar para o Distrito Federal. Herdeiro de um santuário ecológico cravado no centro de Taguatinga — a Chácara Onoyama —, Yoshiaki não pretende descansar antes de conseguir criar uma faculdade de meio ambiente na área desenvolvida pelo pai, o biólogo Saburo Onoyama.

De origem japonesa, a chegada da família Onoyama ao Planalto Central foi um dos fatores fundamentais para a realização do projeto de Juscelino Kubitschek de instalar a capital federal numa região de cerrado fechado. Pouco conhecida, como todo o interior do país na época, a vegetação de árvores baixas e tortas era um tabu para a administração federal. Acreditava-se que o solo daqui era improdutivo. Com a determinação que lhe era característica, JK preferiu não acreditar na “certeza” dos técnicos consultados e sim buscar formas de desenvolver a agricultura e a pecuária necessárias para abastecer a futura capital.

O ano era 1958 e nas ruas de São Paulo comemorava-se o cinquentenário da independência do Japão. Em visita ao Brasil, o príncipe Mikasa, irmão do imperador Hirohito, recebeu do presi-

dente JK o convite para conhecer o Planalto Central e o pedido de ajudar a desenvolver a região onde seria instalada a nova capital. A resposta imediata indicava um jovem que estudava com afinco as plantas do clima tropical desde sua chegada ao Brasil, quatro anos antes.

Saburo Onoyama vivia com a família e outros 200 compatriotas em Bastos, interior de São Paulo. O biólogo fazia parte de um projeto do governo federal voltado

para a produção da seda em solo nacional e aproveitava a oportunidade para dar início no Brasil à produção de verduras, que, segundo Onoyama, era feita de maneira muito precária.

No Catetinho

Muito voltados para a preservação de suas tradições, o pedido de um parente do Imperador era uma ordem. O encontro de Saburo com JK aconteceu rápido, ainda em 1958, antes do retorno de

Mikasa ao Japão, e foi marcado pelo plantio simbólico de uma árvore conífera no Catetinho.

A promessa do governo federal a Saburo era de ceder ao agrônomo uma área com cem alqueires de terra na Fazenda Sucupira, próxima ao Riacho Fundo, para o desenvolvimento de pesquisas em botânica e agricultura. O futuro da família Onoyama tornava-se incerto a partir dali.

A transferência de terras não aconteceu. Ciente das dificuldades

FOI NO CATETINHO QUE OS ONOYAMA PLANTARAM A PRIMEIRA ÁRVORE, PARA MARCAR A INTENÇÃO DE DESENVOLVER O CERRADO

do governo em concretizar a promessa, o agrônomo japonês solicitou então a concessão de 20 chácaras para que ele e outros 20 colonos pudessem realizar o trabalho aqui. A resposta foi uma chácara na região de Campo Limpo.



Yoshiaki chegou à nova capital, acompanhando o pai, em 1958. A família atendia a um pedido do irmão do imperador Hirohito, para que ajudassem JK a desenvolver o cerrado

YOSHIAKE, COM A FAMÍLIA, ALIMENTA O SONHO DE CRIAR UMA FACULDADE DE MEIO AMBIENTE, EM BRASÍLIA

Parte do acordo deixava de ser cumprido, mas o destino da família já havia sido determinado por um pedido do imperador.

Taguatinga

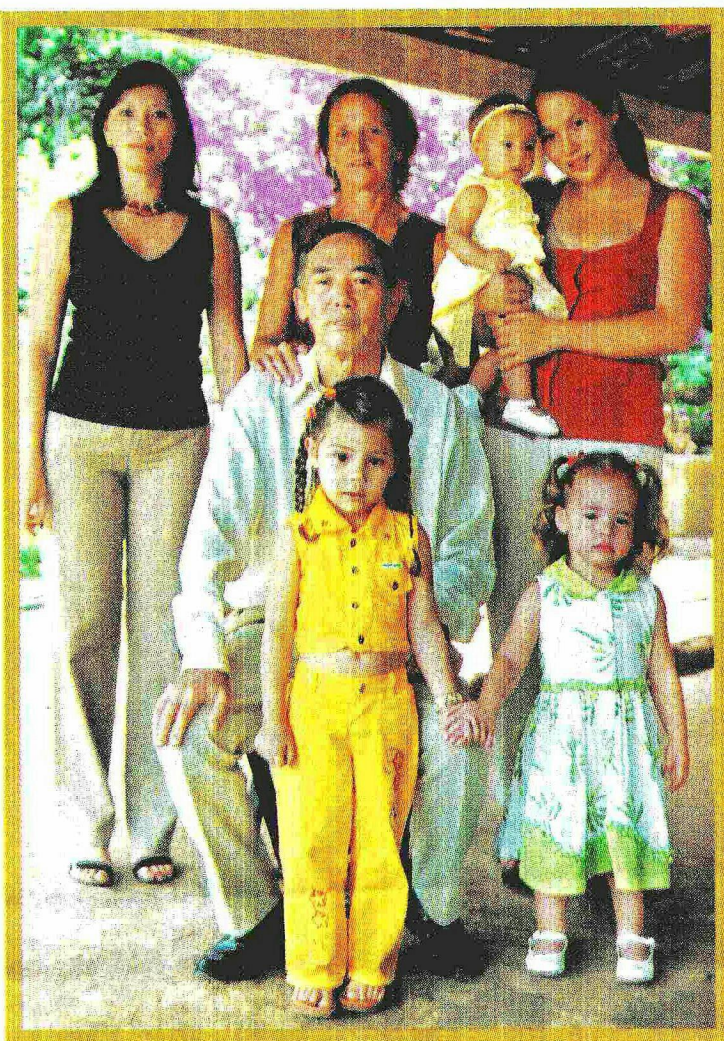
Saburo vislumbrava futuro melhor numa região que começava a ser habitada por imigrantes que chegavam ao Planalto Central e não podiam se instalar nas áreas oferecidas pelo governo. Era o nascimento de Taguatinga. No lugar onde cresceria a maior região administrativa do Distrito Federal de hoje não havia nem estrada aberta. Apenas alguns barracos feitos de papelão escondidos no Cerrado.

A área escolhida pela família Onoyama ficava entre o centro da atual Taguatinga e a QNL 2 e foi arrendada. Yoshiaki lembra da maneira que a primeira estrada do local foi aberta por ele e o pai: "Puxamos o cascalho com uma carroça".

Uma vez instalados, Saburo fez o convite para participar da empreitada que iniciava aqui a seis outras famílias de colonos japoneses que viviam em São Paulo e no Paraná. Por falta de recursos, os Onoyama decidiram dedicar-se à produção de hortifrutis.

Como havia espaço suficiente, além de frutas, a família Onoyama também iniciou o plantio de flores no terreno de 55 hectares, mesmo local onde até hoje está a Chácara Onoyama.

As dificuldades eram várias e iam além da falta de dinheiro (Saburo ganhava um salário e Yoshiaki $\frac{1}{4}$ disto). A irrigação era feita com regador e cifão. O trabalho que pedia por um trator era feito com a enxada. O único meio de tração, um cavalo e uma carroça, havia sido com-



prado em quatro parcelas de pagamento.

Os primeiros adubos usados pela família não davam resultado. "Por causa dos vários incêndios sofridos ao longo dos anos na região, o solo não possuía as bactérias necessárias para torná-lo fértil", explica Yoshiaki.

E o projeto de Saburo era inovador: inserir no mercado frutas que na época não tinham valor para o comércio. "Hoje é comum encontrar frutas como goiaba no supermercado, mas naquela época frutas desse tipo não tinham boa aceitação", conta Yoshiaki. "Eram consideradas frutas de fundo de quintal", completa. Além de goiaba, Saburo dedicou-se ao plantio de limão, por exemplo, pela grande quantidade de vitamina C apresentada pela fruta. "Ele sabia que isto era importante em um país de clima tropical", explica o filho.

A produção de flores também surpreendia. Em uma oportunidade, por exemplo, os Onoyama desenvolveram um pé de lírio que deu 362 botões da flor. Em outra ocasião, o pé da flor ganhou ares de árvore, com o caule chegando a atingir quatro metros de diâmetro e 20 metros de altura.

As experiências dos Onoyama chegaram aos ouvidos de deputados, senadores e ministros, que terminaram tornando-se clientes fiéis. Em alguns anos, toda a população de Brasília passava a visitar a chácara. O próprio imperador Hirohito, quando visitou a nova capital, esteve pessoalmente no santuário criado pelos Onoyama.

Vários estados convidavam Saburo para desenvolver novas tecnologias de plantio em suas regiões. No Plano Piloto, cerca de 60% do paisagismo da Espla-

“**POR CAUSA DOS VÁRIOS INCÊNDIOS SOFRIDOS AO LONGO DOS ANOS NA REGIÃO, O SOLO NÃO POSSUÍA AS BACTÉRIAS NECESSÁRIAS PARA TORNÁ-LO FÉRTIL**”

nada dos Ministérios e 80% da Octogonal foram feitos pelos japoneses.

Em 1975, a família recebeu a visita de JK, que já não era mais o presidente da República. O ilustre visitante lamentou não ter tomado conhecimento de que a promessa dos cem alqueires de terra não tinha sido cumprida por autoridades de seu governo e de não ter entregue a escritura definitiva da Chácara aos Onoyama.

Em 1988, quando Saburo faleceu, a família já contava com 30 caminhões Mercedes e o carinho da população local que nunca permitiu a desocupação da área pela especulação imobiliária. No mesmo ano, em 5 de junho, o Parque Vivencial de Taguatinga foi batizado de Parque Vivencial Saburo Onoyama, em reconhecimento à herança deixada pelo pai de Yoshiaki para a cidade.

Raio X

Nome: Yoshiaki Onoyama
Idade: 63 anos
Origem: Japão
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Agricultor
Esposa: Maria Krystina Michalski Onoyama
Filhos: Juliana, Cristiane e Rogério
Netos: Artur, Paula, Marcela, Marina e Lucas